



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz reuniões de política monetária no Brasil, EUA e Europa. Por aqui, ainda serão conhecidos dados de emprego e das contas públicas.

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central se reúne nos dias 28 e 29 de janeiro e deve voltar a subir a taxa Selic em 1,0 pp, para 13,25% aa. Esse movimento é amplamente esperado pelo mercado, dado que o próprio Comitê sinalizou, em sua última reunião, a intenção de elevar a taxa de juros em 1,0 pp em suas próximas duas reuniões, diante do cenário de inflação elevada (acima do teto da meta), expectativas desancoradas e aumento das incertezas econômicas (forte depreciação cambial). Assim, os agentes econômicos estarão atentos não apenas à confirmação dessa trajetória, mas também a eventuais sinalizações sobre ajustes adicionais na taxa básica após essas altas já previstas e a atualização das projeções de inflação da autoridade, que servem como um guia para os próximos passos da política monetária. Vale notar que esta é a primeira reunião com a nova composição da Diretoria do BCB, que será comandada a partir de agora por Gabriel Galípolo.

Na agenda de indicadores, destaque para os números de dezembro do mercado de crédito, que encerrou o ano de 2024 com expansão de 10,9%. O resultado foi divulgado hoje (27) cedo pelo Banco Central, confirmando o 7º ano seguido de crescimento do crédito, retomando às altas de dois dígitos verificadas entre 2020 e 2022. Em 2024, a expansão foi novamente liderada pelo crédito PF (+12,1%), mantendo-se como um importante canal para o consumo das famílias. O crédito às empresas também mostrou um crescimento importante no ano, de 9,1%, impulsionado pelos programas públicos e pela recuperação da carteira com recursos livres, após o estresse enfrentado em 2023. Em dezembro, o crescimento do saldo de crédito foi de 1,4%, impulsionado pelas compras de fim de ano. No informativo da próxima semana, faremos uma análise detalhada desses dados.

A semana também traz os números de dezembro do mercado de trabalho, com a taxa de desemprego devendo fechar o ano de 2024 no menor patamar da série histórica. A taxa será divulgada pelo IBGE (PNAD) na sexta-feira (31) e deve permanecer estável em 6,1%, favorecida pela sazonalidade do período (vendas de fim de ano), seguindo no menor nível da série. Com isso, a taxa média de desemprego no ano deve ficar em 6,8%, abaixo da observada em 2014 (6,9%), a menor até então. Já no setor formal (Caged), a previsão é de destruição líquida de 405,0 mil postos de trabalho em dezembro, em função da típica demissão de temporários contratados para os eventos de fim de ano (ante -451,2 mil em dez/23). Ainda assim, o mercado formal deve encerrar o ano com criação de 1,8 milhão de vagas, superando o resultado de 2023 (1,45 mi).

No campo fiscal, o setor público consolidado deve encerrar 2024 com déficit pelo segundo ano consecutivo, desta vez de R\$ 50,4 bi (0,4% do PIB), mas o suficiente para cumprir a meta estabelecida pelo novo arcabouço fiscal. O resultado será divulgado pelo Banco Central na sexta (31), com o consenso projetando superávit primário de R\$ 12,9 bi em dezembro, beneficiado pelo pagamento extraordinário de dividendos de algumas empresas estatais (Petrobras / BNDES). A dívida bruta do governo deve ter fechado 2024 entre 76% a 77% do PIB (ante 74,5% em 2023), com queda no fim do ano em função da venda de reservas internacionais. De toda forma, o contínuo aumento da dívida, sem perspectiva de estabilização nos próximos anos, é o principal motivo para a preocupação com o quadro fiscal do país.

Ainda no cenário doméstico, a FGV divulga os indicadores de confiança ao longo da semana e o IGP-M na quinta (30), todos referentes ao mês de janeiro. A expectativa para o IGP-M é de alta de 0,21% no mês, abaixo do observado em dez/24 (+0,94%), trazendo sinais de dissipação das altas recentes dos preços de importantes *commodities* agropecuárias. Ainda assim, o índice deve seguir acelerando em 12 meses, passando de 6,54% para 6,67%. Já os índices de confiança devem mostrar alguma queda neste início de ano, diante do aumento das incertezas econômicas, sugerindo alguma perda de tração da atividade.



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Na agenda internacional, as reuniões de política monetária do Fed e BCE também concentram as atenções da semana. No caso dos EUA, a expectativa praticamente unânime é de uma pausa no ciclo de flexibilização monetária pelo Fed. Na quarta-feira (29), o BC norte-americano deve manter os *Fed Funds* no intervalo entre 4,25% e 4,50% aa, em meio ao cenário econômico caracterizado por inflação ainda acima da meta e um mercado de trabalho robusto, que tem mantido o consumo e a atividade em expansão. Ao mesmo tempo, as incertezas decorrentes da administração Trump também devem pesar para a decisão, diante da possibilidade de aumento de tarifas de importação de parceiros relevantes (China, México e Canadá), que teriam potencial impacto inflacionário.

Na Europa, o BCE se reúne na quinta (30) e deve reduzir novamente as taxas de juros na região, em 0,25 pp. A decisão levaria a taxa de depósitos para 2,75% aa, ficando abaixo de 3,0% pela 1ª vez desde março de 2023. Diferentemente dos EUA, o BCE deve seguir reduzindo os juros gradualmente, caminhando para a “taxa neutra”, num cenário marcado por pressões inflacionárias um pouco mais contidas, mas especialmente em função da fraqueza da atividade na região, especialmente de sua maior economia, a Alemanha, que amargou em 2024 o segundo ano de retração econômica.

Quanto aos indicadores, na quinta (30) haverá a divulgação da prévia do PIB do 4º trimestre de 2024 nos EUA e na Zona do Euro. Nos EUA, a expectativa é de expansão de 2,7% ante o 3T24 em termos anualizados (+0,7% na margem), o que levaria a um crescimento do PIB de 2,6% em 2024, pouco inferior ao observado em 2023 (+2,9%). O consumo das famílias deve seguir como o principal motor da economia norte-americana, sustentado pelo mercado de trabalho aquecido. Na Zona do Euro, a projeção do mercado é de ligeira alta de 0,1% do PIB ante o trimestre anterior, levando a região a registrar um crescimento modesto em 2024, de 0,7%. O continente sofre com uma série de fatores, mas principalmente por conta dos maiores preços de energia (pós-guerra na Ucrânia) e da acirrada competição com os produtos chineses, que tem levado a indústria europeia (especialmente da Alemanha) a perder mercados relevantes.

Ainda na semana, serão divulgados diversos outros indicadores econômicos nos EUA, como o deflator de gastos de consumo (PCE) de dezembro, que deve ter fechado 2024 com alta de 2,5%. O dado será conhecido na sexta (31) e a expectativa do consenso de mercado é de uma alta de 0,3% no mês, atingindo 2,5% no acumulado em 12 meses (ante 2,4% em nov/24 e 2,7% em dez/23). Já o núcleo do indicador deve fechar o ano em 2,8% (ante 3,0% em dez/23). Além deste, também serão conhecidos ao longo da semana, dados de renda e gastos pessoais, de confiança do consumidor e do setor imobiliário.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
27-30/jan	FGV: Sondagens de Confiança	Jan/25	-	-
27/jan	BCB: Estatísticas Monetárias e de Crédito	Dez/24	1,7% m/m* 10,8% a/a*	1,2% m/m 10,7% a/a
29/jan	BCB: Reunião do Copom	-	13,25% aa	12,25% aa
30/jan	FGV: IGP-M	Jan/25	0,21% m/m 6,67% a/a	0,94% m/m 6,54% a/a
30/jan	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Dez/24	-405,0 mil	106,6 mil
31/jan	PNAD: Taxa de Desemprego	Dez/24	6,1%	6,1%
31/jan	BCB: Estatísticas Fiscais	Dez/24	R\$ 12,9 bi	R\$ -6,6 bi

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
27/jan	EUA	Vendas de casas novas	Dez/24	2,4% m/m	5,9% m/m
28/jan	EUA	Pedidos de bens duráveis	Dez/24	0,5% m/m	-1,1% m/m
28/jan	EUA	Confiança do consumidor (<i>Conf. Board</i>)	Jan/25	105,6 pts	104,7 pts
29/jan	EUA	Fed: Reunião de Política Monetária	-	4,25% aa; 4,50% aa	4,25% aa; 4,50% aa
29/jan	EUA	Estoques no atacado	Dez/24 – prévia	0,2% m/m	-0,2% m/m
30/jan	Zona do Euro	BCE: Reunião de Política Monetária	-	2,75% aa; 2,90% aa; 3,15% aa	3,00% aa; 3,15% aa; 3,40% aa
30/jan	Zona do Euro	PIB	4º tri/24 – prévia	0,1% t/t-1	0,4% t/t-1
30/jan	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Jan/25 – final	-14,2 pts	-14,5 pts
30/jan	EUA	PIB	4º tri/24 – prévia	2,7% t/t (anualizado)	3,1% t/t (anualizado)
30/jan	EUA	Vendas de casas pendentes	Dez/24	-0,5% m/m	2,2% m/m
31/jan	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Dez/24	0,4% m/m 0,5% m/m	0,3% m/m 0,4% m/m
31/jan	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Dez/24	0,3% m/m 2,5% a/a	0,1% m/m 2,4% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Energia elétrica contém inflação de janeiro, mas cenário segue preocupante

A prévia da inflação (IPCA-15) iniciou o ano mostrando uma alta contida, de apenas 0,11% em janeiro, embora acima do esperado pelo mercado (-0,03%). Com isso, a inflação acumulada em 12 meses desacelerou de 4,71% para 4,50%, recuando para o limite superior do intervalo da meta. No entanto, a baixa variação no mês foi explicada por um fator pontual, que voltará a pressionar o indicador em fevereiro, com impacto nulo na inflação anual. O resultado, portanto, não indica uma melhora do quadro inflacionário. Pelo contrário, a leitura de janeiro mostrou dados qualitativos ruins, intensificando as preocupações com o cenário.

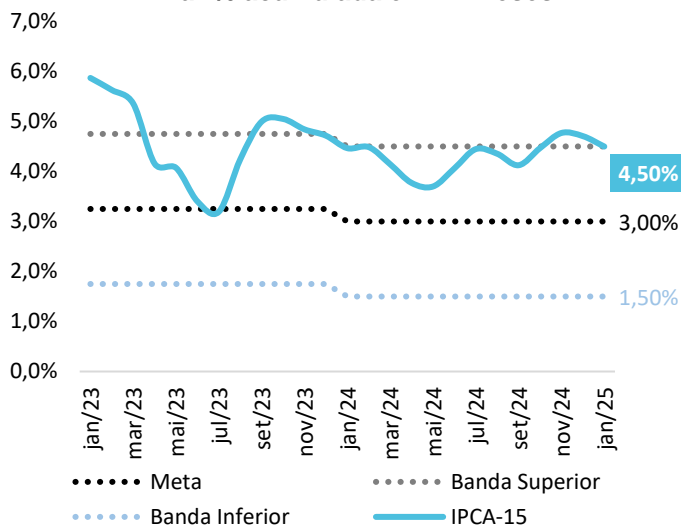
A modesta alta no mês foi explicada pela intensa queda dos preços da energia elétrica (-15,46%), beneficiada pelo Bônus de Itaipu, que exerceu um impacto de -0,60 pp sobre o índice agregado. Contudo, o bônus não se repetirá em fevereiro, quando os preços voltam ao seu nível normal. Isso significa que toda a deflação observada no item em janeiro será revertida em fevereiro, pressionando o índice.

Por outro lado, os preços dos alimentos consumidos no domicílio continuaram em alta (+1,10%), pressionados pelos itens *in natura*, como o tomate (+17,12%) e a cenoura (+18,47%). O resultado ainda foi atenuado pela desaceleração da inflação das carnes, que passou de 7,91% em dezembro para 1,93%. Outra alta importante veio do grupo transportes (+1,01%), em função da alta das passagens aéreas (+10,25%) e dos combustíveis (+0,67%).

Do ponto de vista qualitativo, as sinalizações não foram boas. A média dos cinco núcleos acompanhados com mais atenção pelo BC acelerou de 4,09% para 4,43% (12 meses). A inflação dos serviços subjacentes se aproximou de 6%, ficando em 5,96%, maior patamar desde jul/23, sugerindo continuidade das pressões inflacionárias provenientes do hiato do produto positivo (demanda aquecida). A inflação dos itens industriais também acelerou, de 2,59% para 2,93%, refletindo a recente depreciação do câmbio.

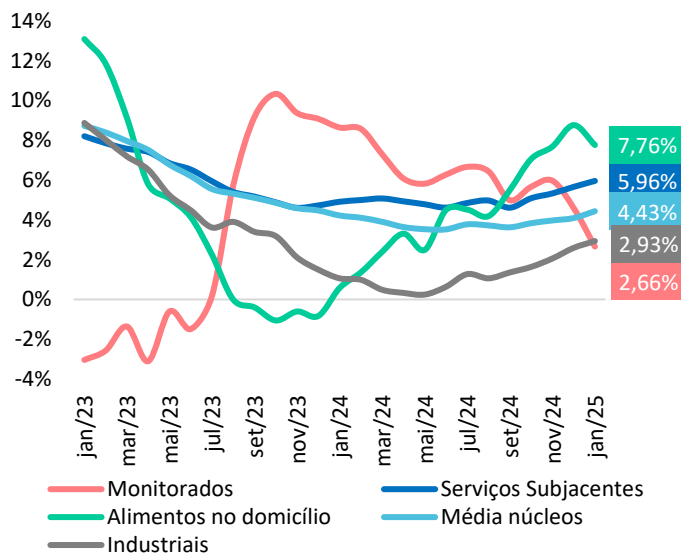
Em resumo, a desaceleração da inflação em janeiro foi apenas pontual, com o quadro geral mostrando um cenário ainda de bastante preocupação. A atividade aquecida, o repasse do câmbio, a normalização da tarifa de energia elétrica e os reajustes de início de ano (transportes públicos, por ex.) devem manter a inflação pressionada no curto prazo, que deve voltar para a faixa de 5% em fevereiro.

Quadro 1: IPCA-15
Var.% acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA-15 e Aberturas
Var. % acumulada em 12 meses



Fonte: IBGE

Em relação às contas externas, o país fechou 2024 com um déficit em transações correntes de US\$ 56,0 bilhões, o equivalente a 2,55% do PIB, bem acima do fechamento de 2023 (1,12% do PIB) e o maior desde 2019 (3,47% do PIB). Em dezembro, o déficit foi de US\$ 9,0 bilhões.

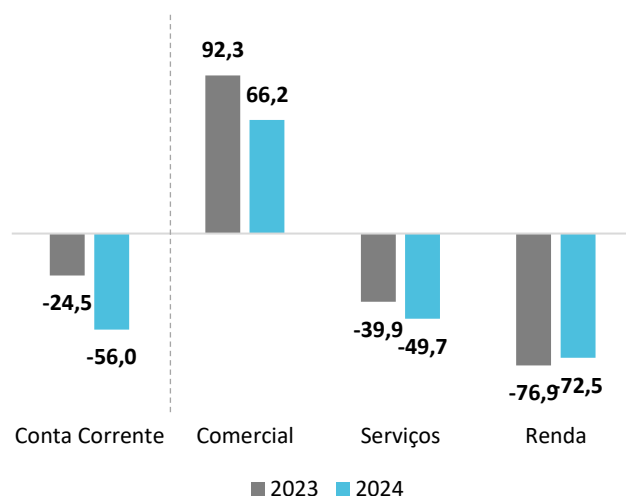
A piora ante 2023 deveu-se principalmente à redução do superávit na balança comercial (-28,2%), de US\$ 92,3 bi para US\$ 66,2 bi, em função da queda nas exportações (-1,2%) – menor safra agrícola e redução nos preços das *commodities* – e aumento das importações (+8,8%), impulsionadas pela demanda interna aquecida. O resultado de 2024 também mostrou ampliação do déficit na conta de serviços (+24,7%), que passou de US\$ 39,9 bi para US\$ 49,7 bi, com o aumento das compras internacionais de serviços de propriedade intelectual (+59,2%), computação e informação (+25,5%), transportes (+18,8%) e aluguel de equipamentos (+14,8%). Na outra ponta, houve ligeira redução do déficit da balança de rendas (-5,8%), devido à queda de lucros e dividendos remetidos ao exterior (-25,8%).

Quanto ao fluxo de capitais, os investimentos diretos no país (IDP) fecharam 2024 com entrada líquida de US\$ 71,1 bi (3,24% do PIB), acima do registrado em 2023 (2,85%), mas pouco abaixo da média observada nos últimos 15 anos (3,5% do PIB). Já os investimentos em carteira fecharam o ano com saída líquida de US\$ 4,3 bi, reflexo da forte saída de recursos observada no mês de dezembro (US\$ -12,6 bi). No ano, houve saída de recursos em ações e fundos de investimentos (US\$ -17,1 bi), parcialmente compensadas pelo ingresso em títulos de dívida (US\$ 12,8 bi).

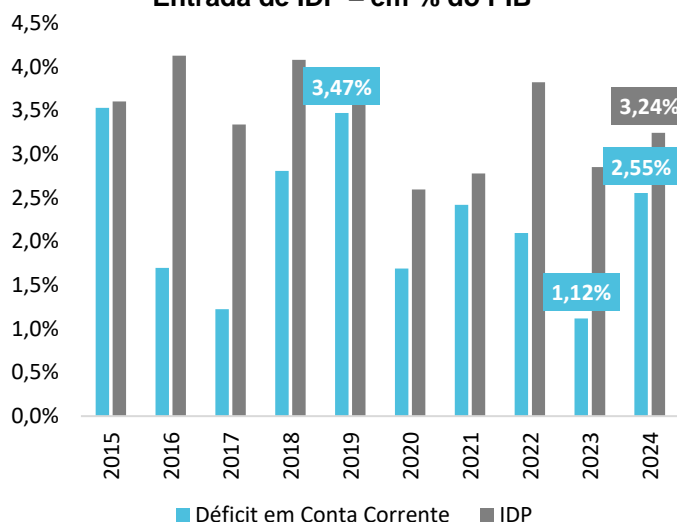
O país fechou o ano com reservas internacionais de US\$ 329,7 bi, com redução de US\$ 25,3 bi no ano e bem abaixo do pico observado em jun/2019 (US\$ 388,1 bi), devido à venda de dólares realizada pelo Banco Central no fim do ano para tentar conter o movimento de desvalorização cambial. Em proporção ao PIB, as reservas caíram para 15,0%, menor nível desde janeiro de 2015.

Em suma, as contas externas apresentaram piora ao longo de 2024, em função da demanda doméstica aquecida, que elevou as importações de bens e serviços, ampliando o déficit externo. Ainda assim, a entrada de investimento direto no país tem sido suficiente para cobrir o déficit externo, embora com uma folga menor. O Brasil ainda não apresenta vulnerabilidade latente em suas contas externas, mas o cenário também não parece mais ser tão confortável. A expectativa é que o crescimento da safra agrícola e a alta dos juros internos ajudem a reduzir o déficit externo neste ano. A política comercial de Donald Trump é um risco que merece ser observado com atenção.

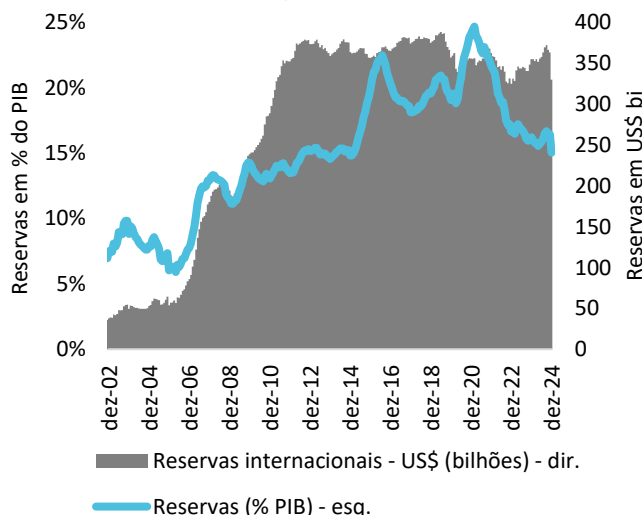
Quadro 3: Saldo em Conta Corrente e Aberturas – Acumulado no ano – em US\$ bi



Quadro 4: Déficit em Conta Corrente e Entrada de IDP – em % do PIB



Quadro 5: Reservas Internacionais – Em US\$ bi e % do PIB



Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

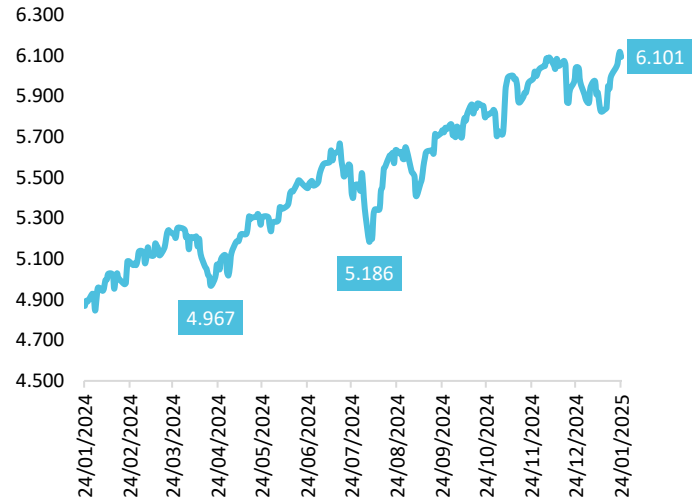
Mercados globais reagem positivamente às primeiras indicações de Trump

Os mercados internacionais reagiram positivamente às decisões e declarações iniciais de Donald Trump durante a primeira semana do seu 2º mandato como presidente dos EUA. No âmbito do comércio internacional, até o momento, houve surpresa positiva diante da postura de Trump em relação às tarifas, onde tem adotado uma abordagem mais cautelosa que a inicialmente precificada pelo mercado, especialmente com relação à China, onde tem buscado alguma aproximação com o líder chinês, Xi Jinping. Por ora, apenas pediu estudos para as agências federais sobre o tema. Com isso, o dólar se enfraqueceu ante as demais moedas (Índice DXY – dólar contra cesta de moedas) ao longo da semana, perdendo parte dos ganhos observados desde meados de dezembro.

No mercado acionário, o índice S&P500 bateu novo recorde histórico, ao atingir a marca de 6.100 pontos. As ações de tecnologia, principalmente vinculadas a IA, subiram com o anúncio do projeto público-privado “Stargate”, que pode ter um investimento de até US\$ 500 bi. Outro fator que contribuiu para o otimismo foi a declaração de Trump durante o Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, onde afirmou que o Fed tem espaço para novos cortes de juros, movimento que pode ser viabilizado pela queda no preço do petróleo. Neste sentido, pressionou a Arábia Saudita e a Opep para aumentar a oferta do produto, que segundo ele, também ajudaria a acabar com a Guerra na Ucrânia. Ainda no campo energético, a decisão de desregular o setor (*drill, baby, drill*), permitindo exploração de petróleo/gás no Alaska e em áreas costeiras dos EUA, também afetaram o mercado. Neste caso, o preço da *commodity* caiu cerca de 3,0% na semana, diante da percepção de aumento da oferta de petróleo nos EUA a médio prazo.

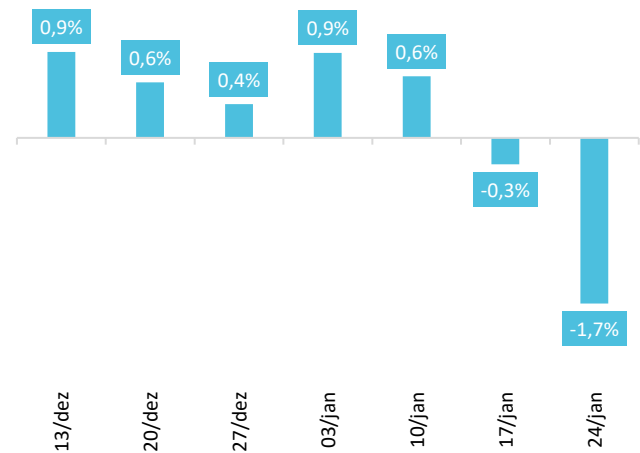
Quanto aos indicadores, a agenda da semana passada foi bastante enxuta, contando basicamente com as prévias dos índices PMIs nos EUA e na Europa. Nos EUA, o setor de serviços, segue como o mais dinâmico, mas registrou uma expressiva queda no mês (de 56,8 pts para 52,4 pts), atingindo o menor valor desde abr/24. Já o indicador da indústria voltou a indicar expansão do setor após seis meses abaixo do nível neutro (50 pts), atingindo 50,1 pts em jan/25 (ante 49,4 pts em dez/24). Na Zona do Euro, o indicador da indústria subiu para 46,1 pts (ante 45,1 pts), indicando que o setor segue em recessão, mas em intensidade um pouco menor (o que não muda o cenário de relativa estagnação da atividade na região). Já no setor de serviços, o índice PMI ficou praticamente estável em 51,4 pts, ainda em terreno expansionista.

Quadro 6: EUA – Índice S&P500
Em pontos



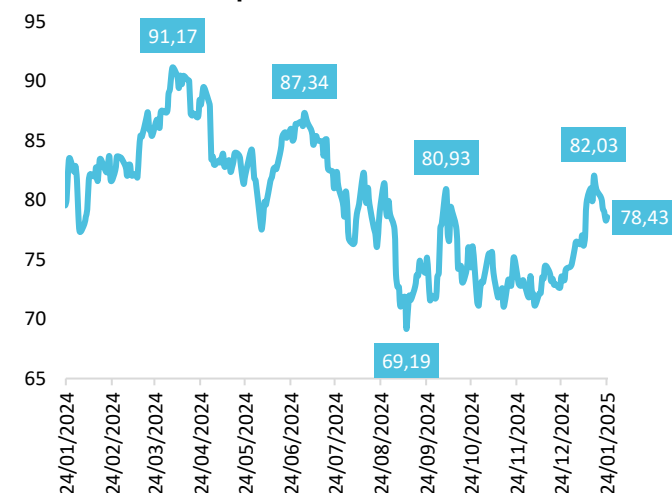
Fonte: Bloomberg.

Quadro 7: Índice DXY (dólar ante cesta de moedas de países desenvolvidos) – Var. % semanal



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: Preço do Barril de Petróleo
Tipo Brent – Em US\$



Fonte: Bloomberg.

Boletim do Mercado de Capitais Anbima – 2024

CRÉDITO / BANCOS

A Anbima informou que o mercado de capitais doméstico registrou captação de R\$ 783,4 bilhões em 2024, resultado recorde. Em dezembro, as captações totalizaram R\$ 99,4 bi, o 2º melhor resultado para o mês, ficando abaixo apenas do observado em 2021 (R\$ 103,2 bi), confirmando o bom ano para a emissão de títulos de crédito privado no mercado de capitais doméstico, que vem ganhando espaço diante de algumas reformas econômicas (criação da TLP, por ex.) feitas nos últimos anos.

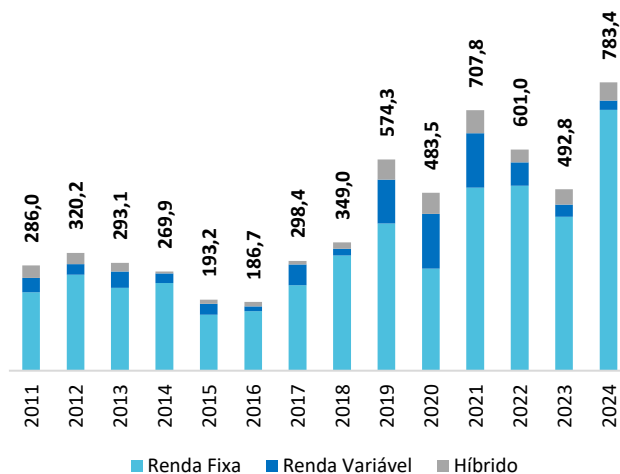
A emissão de debêntures foi o grande destaque do ano, fechando 2024 com volume de R\$ 473,7 bi, alta real de 91,0% ante o observado em 2023 e de 59,3% ante 2022 (R\$ 297,2 bi), recorde até então. A maior parte dos recursos (R\$ 121,7 bi ou 25,7%) foi captada para investimentos em infraestrutura. Com relação aos detentores das ofertas, os intermediários e participantes da oferta seguiram como os principais compradores dos papéis (45,5% ante 52,6% em 2023), mas com aumento expressivo da participação dos fundos de investimento (44,3% ante 27,3% em 2023).

Ainda entre os instrumentos de renda fixa, a emissão de CRIs (R\$ 58,9 bi) também foi recorde no ano, com alta de 17,7%, impulsionada pela busca de fontes de *funding* complementares (em relação à caderneta de poupança) para o setor imobiliário. Os FDICs também registraram alta relevante (+77,5%, para R\$ 81,4 bi). Na contramão, houve queda na emissão de CRAs (-9,1%, para R\$ 41,3 bi), diante do aumento da inadimplência (e casos de RJ) no setor agrícola.

Na renda variável, 2024 voltou a ser um ano com desempenho bastante fraco. Novamente, não houve nenhuma operação de IPO (oferta primária de ações), algo que se repete pelo terceiro ano seguido, reflexo do ambiente de juros elevados e incertezas econômicas/fiscais. As ofertas secundárias (*follow-ons*), por sua vez, registraram R\$ 25,0 bi em captações, queda de 24,1% ante 2023, pior resultado desde 2018. Além disso, uma única operação (Sabesp) concentrou mais da metade dos recursos captados.

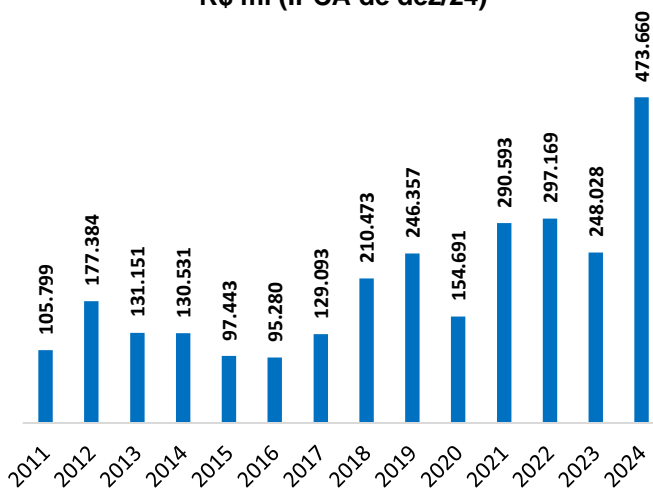
Para 2025, a tendência é que o mercado de capitais siga como uma fonte importante de recursos para as empresas, porém novamente muito concentrado em emissões de dívida (instrumentos de renda fixa). Contudo, diante do cenário mais desafiador (juros mais altos), é provável que os números não sejam tão expressivos. Já o mercado de *equity* deve seguir virtualmente paralisado.

Quadro 9: Captação no Mercado de Capitais Em R\$ bi (IPCA de dez/24)



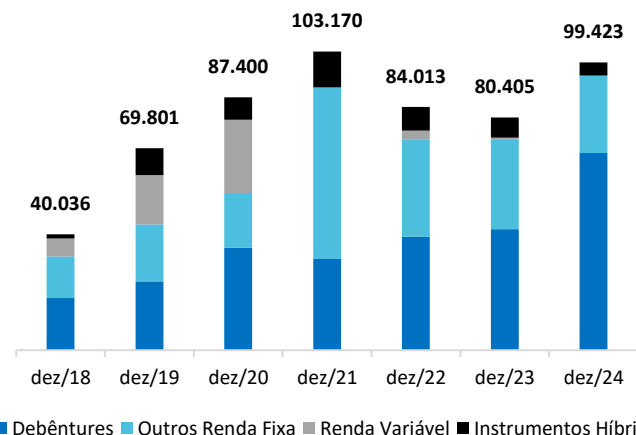
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 10: Captação Anual via Debêntures R\$ mi (IPCA de dez/24)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais Meses de Dezembro - Em R\$ mi (IPCA de dez/24)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2025				2026			
	24/01/25	17/01/25	27/12/24	Viés	24/01/25	17/01/25	27/12/24	Viés
IPCA (%)	5,50	5,08	4,96	▲	4,22	4,10	4,01	▲
PIB (% de crescimento)	2,06	2,04	2,01	▲	1,72	1,77	1,80	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	15,00	15,00	14,75	↔	12,50	12,25	12,00	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	6,00	6,00	5,96	↔	6,00	6,00	5,90	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	24/01/25	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,91	-2,73%	-4,27%	-4,27%	20,28%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	176,05	-6,53%	-18,12%	-18,12%	25,43%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	12,98	1,85%	5,36%	5,36%	15,16%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	15,20	1,27%	-1,37%	-1,37%	52,39%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	15,16	-0,03%	-2,78%	-2,78%	47,22%
Índice Ibovespa (em pontos)	122.493,97	0,12%	1,84%	1,84%	-4,43%
IFNC (setor financeiro)	12.478,11	1,01%	5,48%	5,48%	-5,68%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,50	0,00%	0,00%	0,00%	-18,18%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,26	-0,45%	0,51%	0,51%	-0,69%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,62	-0,21%	1,87%	1,87%	12,12%
Dollar Index	107,44	-1,75%	-0,64%	-0,64%	3,73%
Índice S&P 500 (em pontos)	6.101,24	1,74%	3,29%	3,29%	24,66%
Índice de ações de bancos – EUA	124,77	0,10%	3,89%	3,89%	16,76%
Índice Euro Stoxx 50	5.219,37	1,38%	7,19%	7,19%	13,90%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	160,12	2,42%	10,16%	10,16%	34,40%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	78,43	-2,92%	5,43%	5,43%	-4,85%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira